



Relatório do projeto de Residências Artísticas  
dinamizado pelo UMCOLETIVO em 2020/2021

# CADA UM É UM ARTISTA NA ESCOLA DE VILA BOIM

*Simone dos Santos Donatelli*



**OEI**



Plano Nacional das Artes e Organização de Estados Ibero-Americanos

Simone dos Santos Donatelli

## Cada um é um artista na escola de Vila Boim

*Investigação do processo artístico, apresentação e resultados da experiência, junto ao projeto: "SE A PELE É FRONTEIRA, O CORPO É TERRITÓRIO - Proposta para um corpo de diálogos em português, em espanhol e em silêncio", realizado pela Associação UMCOLETIVO no Agrupamento 3 de Vila Boim, em 2020 e 2021, na cidade de Elvas, através do Programa de Residências Artísticas do Plano Nacional das Artes, financiado pela Organização de Estados Ibero americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI).*

## ÍNDICE

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>3</b>
<b>PARTE I .....</b>	<b>5</b>
<b>PARCERIA CULTURAL.....</b>	<b>5</b>
<b>PROJETO CULTURAL .....</b>	<b>9</b>
<b>PARTE II .....</b>	<b>25</b>
<b>ARTISTAS RESIDENTES .....</b>	<b>25</b>
<b>ESTUDANTES ARTISTAS .....</b>	<b>32</b>
<b>CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>35</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>38</b>

## APRESENTAÇÃO

Há exatos 50 anos atrás, um artista esteve residente em um museu durante 100 dias. *Cada um é um artista* era o título de sua obra ação. O artista esteve presente dentro do museu durante os 100 dias seguidos a reagir diante da questão: *a quem devemos delegar o poder da vida humana?* Trata-se de Joseph Beuys e esta história aconteceu na Documenta V em Kassel, 1972.

Beuys está sentado em frente à mesa com papéis e materiais diversos e um visitante senta-se ao seu lado. Então, acontece um encontro dialógico em uma *Oficina de informação para a Democracia Directa*, transcritos à obra literária homônima referenciada. O artista registou por escrito as interações vividas durante os cem dias da residência no museu, em que defendia que *cada um é um artista*. A experiência podia acontecer em alguns minutos, por muitas horas ou muitos dias (Beuys,2010).

As ideias do artista, sociólogo e educador alemão Joseph Beuys (1921-1986) sobre interdisciplinaridade na prática pedagógica vêm ao encontro das ideias do educador e filósofo brasileiro Paulo Freire (1920-1980), inclusive são contemporâneos embora não se tenham conhecido. Ambos têm o pensamento voltado às pessoas da sociedade moderna e visualizam um cenário em que a educação é método fundamental à democracia, assim como a interação e a interdisciplinaridade na educação contribuem ao processo de aprendizagem nas escolas. Para Freire (1996, 98p.), “a educação é uma forma de intervenção no mundo”, em que a presença do educador e a educação são ações políticas, por meio das quais é possível transformar a sociedade. Beuys propõe o uso da arte como metodologia de aprendizagem à educação democrática.

Bem como também propõe o *Manifesto do Plano Nacional das Artes (2019-2024)* ao criar oportunidade para que artistas realizem residências artísticas com os estudantes das escolas em proposta transdisciplinar e transformadora social. A estratégia do PNA possibilitou à residência artística dos artistas da Associação UMCOLETIVO estarem dentro da escola de Vila Boim, por mais de 100 dias. Convidados pelo PNA, com o apoio da OEI, os artistas Cátia Terrinca e João P. Nunes conceberam o projeto “*SE A PELE É FRONTEIRA, O CORPO É TERRITÓRIO- TERRITÓRIO - Proposta para um corpo de diálogos em português, em espanhol e em silêncio.*”

Nesses contextos e em *roda de conversa*, com UMCOLETIVO e PNA, com Beuys e Freire, com a arte e a educação, com a democracia e os direitos humanos e constitucionais, fundamento meu parecer investigativo e reflexivo em relação ao âmbito do projeto. Pretende-se demonstrar como Cátia e João deram oportunidades para que cada estudante da escola de Vila Boim pudesse vir a ser o que já era, um artista.

O projeto “*SE A PELE É FRONTEIRA, O CORPO É TERRITÓRIO - Proposta para um corpo de diálogos em português, em espanhol e em silêncio*” é inspiração a toda ação pedagógica, conta com vetores de mudança que propõe à reconfiguração da cena e do cenário educativo e das relações sociais envolvidas nas práticas escolares.

Os resultados artísticos concebidos durante o projeto foram exibidos em uma exposição no Museu de Arqueologia e Etnografia da cidade de Elvas e revelam a autonomia dos estudantes à apresentação de objetos artísticos autorais. Trata-se de um material artístico e histórico, que retrata e documenta um território em um determinado tempo, paisagem e contexto. O objeto artístico resultante é apreciativo e valoroso – repleto de pistas significativas, em âmbito às transformações sociais, individuais e coletivas.

O contexto em que se realizou o trabalho de campo investigativo permeia a observação participativa em duas turmas de 6º e 9º ano no primeiro semestre de 2022, junto ao trabalho continuado no Projeto de Artistas Residentes, por Cátia Terrinca e João Nunes. A investigação contou com a escuta dos estudantes e artistas envolvidos, em entrevistas gravadas e escritas. Os recursos metodológicos, além da observação, diário de campo e entrevistas, contou com pesquisas em materiais já existentes; fotografias, audiovisuais e publicações. O trabalho está dividido em duas partes: Na primeira parte, apresenta-se a estrutura completa do Projeto Cultural, desde as parcerias Associativas Culturais (UMCOLETIVO, PNA e OEI) que tornam possível a sua realização ao projeto em si -com a descrição e especificidades das dez Oficinas Culturais que o compõe, até a escola com os estudantes alcançados pelo projeto. Na segunda parte, apresentam-se os resultados das escutas durante esta investigação; dos artistas residentes e dos estudantes artistas. Por fim, as considerações reflexivas.

## PARTE I

### PARCERIA CULTURAL

(UMCOLETIVO|PLANO NACIONAL DAS ARTES|ORGANIZAÇÃO DE ESTADOS IBERO-AMERICANOS)

UMCOLETIVO colocou em prática o manifesto idealizado pelo PLANO NACIONAL DAS ARTES, através do cofinanciamento pelo PLANO NACIONAL DAS ARTES e pela ORGANIZAÇÃO DE ESTADOS IBERO-AMERICANOS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. UMCOLETIVO é uma Associação Cultural, fundada em 2013 por Cátia Terrinca e João P. Nunes, que desenvolve atividades no âmbito da criação artística, tendo como eixos essenciais o teatro, a performance e a palavra- onde transversalmente se encontra uma ideia de reescrita, de tempo real e de voz. A estrutura desenvolveu uma forte relação com Elvas, local onde está sediada e território de implementação da maioria das atividades, que impulsionou ao envolvimento de parcerias com a Câmara Municipal de Elvas, Museu de Arte Contemporânea– MACE, Museu de Arqueologia e Etnografia, Junta de Freguesia Vila Boim e Festival de Cinema IndieLisboa.

Um dos principais objetivos da Associação Cultural UMCOLETIVO é contribuir para uma melhor formação de espetadores de teatro, promovendo o conhecimento e a atenção crítica. A nível de formadores artísticos, a UC disponibiliza dois profissionais que vão à escola semanalmente para desenvolvimento de oficinas artísticas com os estudantes. Além disso, realiza dentro do projeto a curadoria e produção semanal da visita de um artista de outro território à escola. O artista é convidado a apresentar seu projeto autoral, dar uma oficina e participar de uma roda de diálogos com os estudantes.

O PLANO NACIONAL DAS ARTES, instituído pelo Ministério da Cultura e pelo Ministério da Educação, para o horizonte temporal 2019-29, através da Resolução de Conselho de Ministros nº 42/2019, é um manifesto com uma estrutura de missão para um horizonte temporal de 10 anos – com o intuito de aproximar as artes, o património e a cultura dos cidadãos, em particular das crianças e dos jovens à escola. Ou seja, para fazer cumprir a Constituição – e garantir aos cidadãos dois direitos: o direito constitucional à criação cultural e o direito à educação.

A ORGANIZAÇÃO DE ESTADOS IBERO-AMERICANOS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (OEI) é o maior organismo de cooperação multilateral entre países ibero-americanos de língua espanhola e portuguesa, com cerca de 500 especialistas e colaboradores espalhados fisicamente por 20 países da Ibero-América. Concebe a educação, a ciência e a cultura como ferramentas para o desenvolvimento humano e geradoras de oportunidades para construir um futuro melhor para todos. Trabalha diretamente com os governos dos 23 países-membros, respondendo às suas prioridades e fortalecendo as políticas públicas através de programas e projetos elaborados e implementados por profissionais altamente qualificados e comprometidos com a criação de valor para toda a sociedade. A OEI valoriza a dimensão cultural como base indispensável para o desenvolvimento integral da sua região, tal como plasmado na Carta Cultural ibero-americana, principal instrumento de política cultural, inspirada na Convenção sobre Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais da UNESCO (Paris, 2005) e tem como linha de ação a interligação com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), em particular com o ODS4, sendo a sua gestão mais estratégica a promoção da educação artística, enquanto recurso importante para o desenvolvimento cognitivo e das competências socio-emocionais das crianças, sublinhando o papel fundamental da educação artística na construção de identidades e na transformação social, sendo impulsionadora da diversidade cultural, consciência ambiental e facilitadora de debate em torno de aspetos de valores e de cidadania.

Para fomentar o pensamento crítico e criativo a partir da sensibilidade estética e artística e contribuir à formação de competências transversais, o Plano Nacional das Artes (PNA), através da medida inscrita no Plano Estratégico 2019-2024 designada “Projeto Artista Residente” (PAR), lança o desafio aos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas que integram ou pretendem integrar o Projeto Cultural de Escola, a receberem um Artista Residente na sua escola. De igual forma, desafia artistas, criadores, mediadores, estruturas e coletivos artísticos e instituições culturais a envolverem-se neste processo de transformação da comunidade educativa e dos seus múltiplos atores. O poder criativo dos artistas e das múltiplas manifestações artísticas pode contribuir para viabilizar o cumprimento das metas do Objetivo 4 de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda da Organização das Nações Unidas (ONU) de 2030: “Educação de Qualidade para Todos”. Ao melhorar a ação do sistema educativo, transdisciplinar e

inclusivo, contribui-se para um desenvolvimento pessoal *ativo e esclarecido, para e com cidadãos e cidadãs protagonistas de suas histórias.*

O PAR constitui-se a partir do estabelecimento de uma parceria entre um Artista Residente e um Agrupamento de Escolas/Escola Não Agrupada, na qual o Artista Residente é corresponsável pela concepção, pelo desenvolvimento e realização de um projeto para aquele território educativo, que privilegie processos artísticos, culturais e criativos, não tendo de resultar obrigatoriamente numa apresentação de um produto final acabado, valoriza o processo e a colaboração. O Projeto Artista Residente, promove a presença de um artista/associação/companhia de teatro na escola durante um período longo, de 3 meses a um ano letivo. O PAR no âmbito desta investigação é a Associação UMCOLETIVO representadas por Cátia Terrinca e João Nunes que ampliar relevantemente o número de artistas envolvidos no processo.

As ações artísticas mediadas e realizadas pela UC, e oportunizadas pelo PNA (que garantiu condições estruturais de política cultural e educativa e financeiras) promoveram: “Cultura de Paz”, “Diversidade Cultural”, “Igualdade de Gênero”, “Direitos Humanos”, “Cidadania Global” e “Desenvolvimento e Sustentabilidade”, ações que sintetizam a meta 7 do objetivo 4 (Educação de qualidade), presente na agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU). É evidente que o feito é multiplicador e cria impacto social.

Faz-se relevante mencionar, o quanto a UC respeitou e valorizou a cultura existente no território em que esteve a compartilhar os processos artísticos. Embora, a comunidade escolar demonstre certa resistência à formação continuada e compartilhamento, a adesão deverá ser maior a cada nova ação. Quiçá!

A teoria é belíssima, tanto no Plano Nacional das Artes como nos Projetos Políticos Pedagógicos, como nas Constituições, como nos ODS da UNESCO. Mas, parafraseando Paulo Freire, na prática a teoria é outra coisa. E, ainda faltam parcerias transdisciplinares entre profissionais e com as comunidades, infelizmente. Há também uma questão relevante, ao trabalhar com pessoas estamos sempre à mercê de suas experiências, formação e desejo de estar presente – de pensar e de agir. Existir é correr um risco que



nem todas as pessoas estão disponíveis. Não obstante, a prática demonstra que a teoria pode ainda ser melhor!

Foi a partir da necessidade de se criarem mais parcerias com interesses mútuos que o PNA e a OEI decidiram formalizar um processo de colaboração que promovesse o desenvolvimento da educação e da cultura como alternativa válida e viável para a construção da paz, preparando o ser humano para o exercício responsável da liberdade, da solidariedade e da defesa dos Direitos Humanos, bem como para apoiar as mudanças que permitam uma sociedade mais justa, mais digna e mais inclusiva e sustentável, pelo que, através dos seus legítimos representantes.

Os Projetos Culturais de Escola, para além da identificação de um Coordenador em cada escola, implicam também a criação de um Conselho Consultivo de que fazem parte elementos da comunidade educativa e representantes das instituições e associações culturais desse território. Nem sempre todas as pessoas envolvidas estão a dedicar-se a colocar a teoria em prática, às vezes reproduz-se sem perceber um “deixa prá lá”, “depois eu penso nisso” e o envolvimento nem sempre acontece.

A adesão do Agrupamento 3 de Vila Boim ao Plano Nacional das Artes deu-se com um projeto cultural intitulado *O outro que era eu*, em referência a obra homônima de Ruben A. A partir de 13 de março de 2020, passou a ter interrupções por conta dos confinamentos COVID19. Como já dito, neste período buscou-se o uso de outras ferramentas, como por exemplo, a adaptação de espetáculos à realização de *Teatro Radiofónico*. O projeto propunha transformar uma situação vivida no território, que caracterizava-se pela dificuldade de integração com os habitantes do Bairro de S. Pedro, um bairro habitado por pessoas de etnia cigana.

A parceria PNA-OEI-UC, realizada na Escola Básica de Vila Boim, teve início em setembro de 2020 através da assinatura do Protocolo de Colaboração entre a OEI e o PNA, para o desenvolvimento de uma residência artística intitulada “SE A PELE É FRONTEIRA, O CORPO É TERRITÓRIO”, realizada entre setembro de 2020 e junho de 2021. E, para a realização de um vídeo documentário desta residência, ambos realizados pela Associação Cultural UM COLETIVO.

Esta proposta consistiu em trabalhar com duas turmas do 6º ano da escola de Vila Boim e com estudantes de idades e anos de escolaridade idênticos da escola do bairro S. Pedro. Ao longo do ano, os estudantes escreveram cartas aos seus homónimos descrevendo episódios da sua vida onde se revelavam as suas características, mantendo o anonimato. Entretanto, a atividade foi interrompida.

Na ocasião, o Coordenador de PNA na escola era Paulo Forreta Rodrigues, docente do grupo 300, e os estudantes afetos ao projeto foram duas turmas do 6º ano a trabalhar no projeto com a correspondência com o Bairro de S. Pedro. Nesse período, consolidou-se a parceria entre a OEI e o PNA com a assinatura de protocolo de parceria.

Foram beneficiados pelo projeto: estudantes por usufruto direto; professores que aderiram com resistência em 2019 e colaboraram no ano seguinte, reconhecendo a mais valia do projeto, e visitantes do Museu de Arqueologia e Etnografia de Elvas.

Percebe-se o empenho do PNA em apoiar os artistas ajudando-os a ultrapassar os obstáculos encontrados, através das reuniões de acompanhamento e das visitas ao projeto. Assim como a relevância à missão social e preocupação da OEI, em disseminar este projetos noutras latitudes como um exemplo de residência artística, a ser repercutido em outras escolas em conformidade aos objetivos.

## **PROJETO CULTURAL**

Os artistas residentes Cátia Terrinca e João P. Nunes, representados pela Associação Cultural UMCOLETIVO, foram contemplados pelo Plano Nacional das Artes com o projeto *“SE A PELE É FRONTEIRA, O CORPO É TERRITÓRIO - Proposta para um corpo de diálogos em português, em espanhol e em silêncio”*. O projeto foi cofinanciado pelo Plano Nacional das Artes e pela Organização de Estados Ibero-americanos e realizou-se de 01 de setembro 2020 a 30 de junho 2021, junto ao Agrupamento 3 em Vila Boim. Estiveram presentes na escola todas as 3ª feiras, durante todo o horário escolar, sempre com atividades diferentes, com turmas e professores distintos.

Do projeto resultou um vídeo documentário, igualmente realizado pela Associação Cultural UM COLETIVO, que foi apresentado no Museu de Arqueologia e Etnografia de Elvas em 09/11/2021.

A linha de pesquisa de Cátia Terrinca e João Nunes (UC) para este projeto articula a *iberofonia* e o *anti-colonialismo*; a relação com o território e a sua condição marginal, quanto às suas características específicas e face aos grandes centros urbanos; a sua condição fronteiriça e a utilização quotidiana de duas línguas distintas: o português e o espanhol. O contexto desta realidade concreta reflete a intenção de experimentar e esbater fronteiras em diferentes áreas artísticas, explorando a criação de objetos transdisciplinares híbridos.

O projeto é um misto de curadoria e desenvolvimento de trabalho de projeto autoral. Contempla experiências com artistas diferentes e de diferentes territórios de origem, tanto na localização geográfica, como nas especificidades artísticas e sociais. Em ação transdisciplinar, cada estudante participa ativa e artisticamente, concebe obras artísticas, individualmente e coletivamente. O pensamento crítico, desenvolvido democraticamente, é refletido nas experiências livres em que pesquisam os limites, a partir da ideia de que se a pele é fronteira o corpo é um território. Cada um é um artista.

A curadoria é um território quase invisível e relevantemente essencial. Se tudo não está alinhado, nada se transforma e uma rede vira só uma linha. Cada ação está intrinsecamente ligada a outra, genuinamente autônoma, porque foi bem planeada estrategicamente. As escolhas; dos artistas, dos livros lidos, das referências etc., é mérito que nem sempre está exposto, mas que se mostra imprescindível para o alcance do êxito surpreendente da Associação Cultural UMCOLETIVO a este projeto. Tal mérito foi obtido através da curadoria e das práticas artísticas de Cátia Terrinca e João Nunes, do acompanhamento do PNA, através das coordenadoras Maria João Bravo e Ilda Ambrósio, da subcomissária Sara Brighenti, e dos docentes e membros da comunidade envolvidos.

Os objetivos centrais do projeto são: desenvolver experiências artísticas que despertem e motivem o fazer criativo com os estudantes; Proporcionar experiências de produção e fruição cultural a estudantes de escolas em contextos de isolamento

geográfico, situadas em territórios rurais; Desenvolver parcerias entre a escola e diferentes agentes sociais do território, de modo a criar uma rede sustentável para a realização de projetos na comunidade educativa; Criar um Projeto Cultural de Escola que envolva toda a comunidade educativa e que utilize as artes e o património para transformar uma situação identificada noutra mais favorável.

Os objetivos específicos são: Utilizar a linguagem e o equipamento fotográfico como instrumento de captação da realidade; Aprender a respeitar e aceitar as diferenças a partir de contextos reais em experiências artísticas; Criar hábitos de trabalho tendo em vista a produção de um objeto artístico. Apresenta-se a sinopse do projeto, disponível no site da Associação UMCOLETIVO:

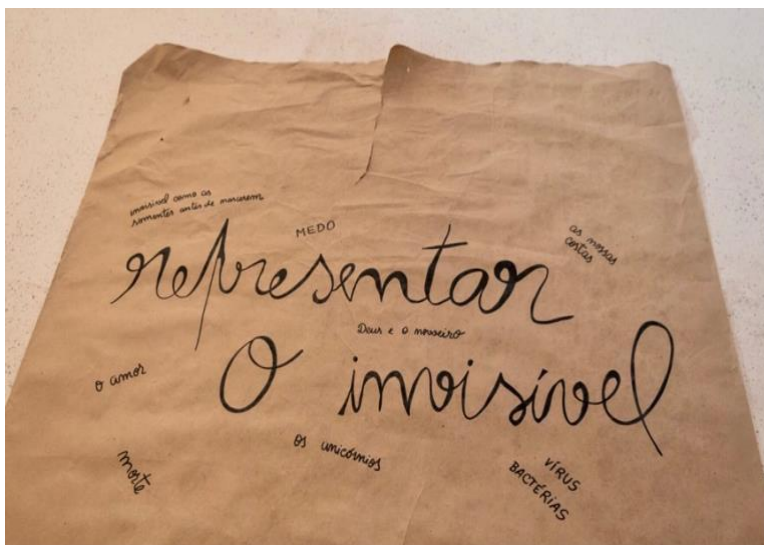
*O projeto “Se a pele é fronteira, o corpo é território”, procura o desenvolvimento de uma série de laboratórios, com epicentro na Escola Básica de Vila Boim, para explorar a dimensão filosófica, física e cultural das fronteiras, com toda a comunidade escolar. O trabalho a que o UMCOLETIVO se propõe pretende justapor indivíduo e território, intimidade e cidadania, assumindo que o corpo transforma a paisagem como a paisagem transforma o corpo e, por isso, estabelecendo uma metáfora entre a pele e a fronteira. A pele sempre foi utilizada como uma metáfora para a ideia de fronteira pela sua condição de limite e pela sua porosidade; mas também é uma superfície a ser desenhada, é o lugar onde se incorpora uma narrativa cultural e biográfica: as tatuagens e maquilhagem são disso exemplos. A cultura e as suas inúmeras manifestações convertem as fronteiras em lugares de exploração e de diluição da dicotomia eu/outro - territórios onde a descoberta de mim e dos outros, ou do mundo, se torna um lugar de conhecimento, mas também de reconhecimento da diferença e da distância. Neste sentido, privilegia-se a circulação de artistas e objetos artísticos com uma relação com as línguas portuguesas e espanholas, nas suas mais diversas expressões culturais. Como objetivos secundários, destacam-se a ideia de trabalhar preconceitos em relação às outras culturas (e às culturas dos outros), nomeadamente, a cultura cigana, bem como a vontade de pensar a identidade transfronteiriça ou raiana, procurando esbater a pele/a fronteira/os limites.*

O projeto, transdisciplinar e coletivo, aconteceu como proposto e planeado. Articulou dez distintas intervenções, em formatos variados e com curadoria intrinsecamente ligada aos objetivos do projeto. Todas as ações foram realizadas presencialmente, em dez *oficinas artísticas* detalhadas a seguir:



## 1. REPRESENTAR O INVISÍVEL

A proposta desta *Oficina de Fotografia* partiu da representação do invisível em referência à obra *FACESCAPES*, de Denis Piel. A oficina foi realizada junto às turmas do 7º, 8º e 9º anos (três aulas por turma) e resultou na exposição no Museu de Arqueologia e Etnografia de Elvas, para toda a comunidade transfronteiriça.



*A pele e a fronteira podem ser sinónimos.* Os artistas propuseram aos estudantes que fotografassem a pele como paisagem. A primeira ação era fotografar, muito aproximadamente, detalhes da pele. Em um segundo momento, em visitas a campo, recolher materiais da zona fronteiriça para recriar cenas, em caixas de ensaio, com as paisagens do corpo. Dois estudantes sentavam-se um em frente ao outro a observarem-se. Da observação escolhiam um ou dois pormenores que lhes despertassem a atenção.

De seguida, cada um dos estudantes fotografava o detalhe encontrado no outro de forma ampliada, numa composição que transformava o pormenor no tema da fotografia. Surgiram assim diferentes paisagens. Numa lamela circular de vidro de 10 cm de diâmetro os estudantes recriavam a fotografia utilizando matérias orgânicas; sementes, terra, folhas, ervas etc. A experiência criou oportunidade à aquisição de conhecimentos sobre fotografia: como tirar partido da máquina fotográfica, formatos de imagem, qualidade e resolução da imagem. Além do uso artístico de outros materiais orgânicos.



As fotografias e lamelas compõem os objetos artísticos. As obras autorizadas pelos estudantes artistas, foram exibidas no Museu de Arqueologia e Etnografia de Elvas, em uma exposição intitulada *Representar o invisível*, que abriu o FESTIVAL A SALTO 2021 na cidade de Elvas. A exposição ficou aberta ao público no MAEE, entre 27 de agosto e 9 de novembro de 2021, tendo sido o evento de abertura da programação do Festival A Salto que decorreu na cidade de Elvas entre 27 e 29 de agosto de 2021.



## 2. CLUBES DAS ARTES

Ao longo do processo, desenvolveu-se Oficinas artísticas com grupos de estudantes interessados, em que a mesma temática proposta foi trabalhada no contexto de áreas artísticas mais específicas. O objetivo central foi que o processo pudesse indicar as questões significativas para os estudantes, a possibilitar à criação dos objetos artísticos. De início, planeava-se a concepção de uma performance, um espetáculo de teatro e um ensaio fotográfico. Por conta da pandemia COVID19, a performance e o espetáculo foram substituídos pelo conjunto de instalações cenográficas que junto ao ensaio fotográfico, fizeram parte da exposição. A par da proposta em formar um *clube de artistas*, Terrinca e Nunes incluíram uma curadoria de artistas em áreas diversas que também ministraram Oficinas, que foram realizadas com a adesão de professores e estudantes na escola em Vila Boim. As duas Oficinas organizaram-se de forma paralela.

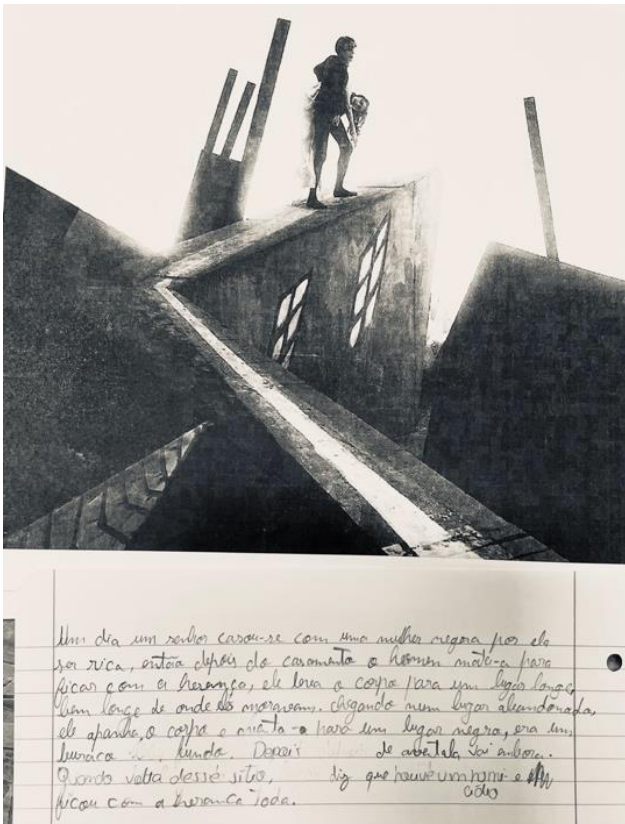
A partir da Oficina *Representar o invisível*, surgiram, por exemplo, questões sobre a aceitação do corpo (os estudantes não gostavam da imagem de pelos, borbulhas etc. que surgiam no exercício de fotografar com diferentes ampliações). Esta questão, da idealização da imagem a partir do que é considerado “belo”, foi um dos objetos de discussão nos grupos de trabalhos na Oficina *Clubes das Artes*. As rodas de conversas com artistas diversos ofereceram múltiplos pontos de vista de um mesmo tema real.

### 3. Oficina de Teatro **O CORPO QUE FAZ**

### 4. Oficina de Cinema **O CORPO QUE VÊ**

A Oficina de Teatro O CORPO QUE FAZ, ministrada por Cátia Terrinca junto aos 19 estudantes do 8ºB, e a Oficina de Cinema O CORPO QUE VÊ, ministrada por João P. Nunes com os 23 estudantes do 8ºA, aconteceram semanalmente e presencialmente. A proposta em continuar presencial demonstra como o trabalho corporal foi importante para que os estudantes convivessem bem com as dificuldades surgidas no período de confinamento. Por exemplo, movimentaram-se e interagiram uns com outros, face a face (mesmo com máscaras), puderam questionar os conflitos existentes, em relação ao inesperado, transitório ou assustador. Tais estudantes tiveram a rara oportunidade, no período datado, de não viver apenas de interação virtual. A ilustração a seguir, exemplifica uma prática dos estudantes artistas, em campo com João, durante uma

Oficina de Cinema em 2022. As oficinas partiam de propostas cinematográficas e eram realizadas com as ferramentas de vídeo/audiovisual.



## 5. MONÓLOGOS (coordenação Cátia Terrinca, curadoria UC)

Conforme à proposta curatorial e com apresentação mensal (abril, maio e junho), UMCOLETIVO convidou artistas diversos, de língua portuguesa e de língua espanhola, a improvisar ações, sem palavra ou língua definida, durante períodos de 20 minutos, aos quais se seguiam conversas com a comunidade escolar. Os MONÓLOGOS tiveram como objetivo ampliar a noção de comunicação, através do abraço a outras áreas artísticas como; dança contemporânea, improvisação vocal, mimo abstrato, clown, entre outras. Os artistas convidados, suas especificidades, país de origem e público atendido, foram:

*Bárbara Faustino, Bailarina (Brasil, 32 estudantes, 9ªA/B)*

*Juanillo Abalon, Palhaço (Espanha, 45 estudantes, 5ªA/B)*

*Herlandson Duarte, Ator/Mágico (Cabo-Verde, 35 estudantes, 8ªB/C)*





## 6. DIÁLOGOS (coordenação Cátia Terrinca, curadoria UC)

Promoveram-se três encontros bilingues, tentando envolver artistas de língua espanhola e portuguesa em igual proporção para encetar conversas sobre arte e cultura em territórios transfronteiriços. As conversas eram gravadas, para que pudessem ser objetos de uma discussão reflexiva além do âmbito curricular escolar.

*A pena de Kiki, 28 estudantes, 6ªA*

*Oh Sheep, 27 estudantes, 6ªB*

*Trova da Outra Margem do Tempo, 22 estudantes, 8ªB*

## 7. COMPASSOS (coordenação João P. Nunes, curadoria UC)

Realização de showcases musicais em abril, maio e junho de 2021, com duração total de 45 minutos, incluindo roda de conversa ao final, para os quais convidaram-se artistas musicistas de diferentes estilos e origens que levantaram à sua performance uma dimensão cultural que interagiu com a comunidade escolar perante as questões pertinentes ao projeto. Essa oficina atendeu 115 estudantes dos 7º e 9º anos:

*Mariana Bragada - Música portuguesa - 36 estudantes, 7ºB/C*

*Rita Couto - Música moçambicana, 47 estudantes, 7ºA/7ºB*

*Candy Diaz - Fusão, 32 estudantes, 9ºA/B*



## 8. RODA DE CONTO (coordenação Cátia Terrinca, curadoria UC)

Organização de sessões mensais de contos na biblioteca, focadas em autores de língua portuguesa e de língua espanhola. Durante as sessões, propôs-se que a partir da escuta, os estudantes desenhassem e representassem a pele dos personagens idealizados e o território em que a ação se passava. Os autores e obras mediados para leitura e debates com 57 estudantes do 5ºB, 7ºC e 8ºA foram:

*Ondjaki (Angola), "OMBELA"*

*Rita Carelli (Brasil), com "Minha família Enauenê-nauê"*

*Fernando Arrabal (Espanha), "Baal"*

*Almudena Grandes (Espanha), "Sete Mulheres"*

*Álvaro Cunhal, "Os barrigas e os magriços"*

*Veronique Tadjo, "O senhor da dança"*

*Venâncio Calisto "Histórias"*



O interesse literário despertado nos estudantes, gerou uma oficina a parte, um *Atelier especial sobre livros*, em que os estudantes do 7º ano realizaram com a Cátia Terrinca, todas as etapas até à realização de um livro. Os estudantes tiveram a oportunidade de experienciar, desde a ideia/história até à encadernação do livro. Foram realizadas 10 sessões de 100 minutos, feito que está para além das atividades propostas e não havia sido planeado.

## 9. INDIE JÚNIOR – CURTA-METRAGEM

O *Indie Júnior* era uma secção de exibição de filmes para a infância no Festival de Cinema *Indie Lisboa*. Em 2021, aconteceu uma sessão no Agrupamento 3 em Vila Boim, com todas as turmas do 7º, 8º e 9º ano. A ação foi possível por conta da parceria já estabelecida com a UMCOLETIVO, que já realiza habitualmente sessões do programa deste Festival em escolas e também na *Casa Tangente*, em Elvas. As sessões consistiam na exibição de 3 filmes curtos de cinema europeu, seguidos de uma roda de conversa, orientada por João Nunes com os estudantes. O feito gerou também a aplicação de um inquérito com os estudantes, realizado pelo *Festival Indie Júnior*, sobre a apreciação dos filmes na escola.

## 10. ACOLHIMENTOS

Os acolhimentos eram sessões culturais improvisadas, realizadas com artistas que à ocasião estavam em Elvas para trabalhar com a UC, e acabavam por serem convidados a partilhar com os estudantes sobre o seu trabalho artístico. As rodas de conversa eram relativamente informais, com grandes contributos à formação artística. Uma destas conversas teve, particularmente, relevante expressão: O artista *Tiago Lima (fotografia a seguir)* estava em residência artística na cidade de Elvas, a escrever um texto de *Teatro Radiofónico para a Infância*. Sua roda de conversa gerou quatro sessões com estudantes do 5º e 6º anos, em que os estudantes acabaram por tornarem-se artistas colaborativos, na construção coletiva do texto dramático.



Segue a ficha técnica do projeto e o enlace para o vídeo documentário desta residência, ambos realizados pela Associação Cultural UM COLETIVO:

Título: *“SE A PELE É FRONTEIRA, O CORPO É TERRITÓRIO - Proposta para um corpo de diálogos em português, em espanhol e em silêncio”*.

Direção Artística e Coordenação Pedagógica: Cátia Terrinca e João P. Nunes

Coordenação do projeto na escola: Paulo Forreta Rodrigues

Apoio à produção: Márcia Conceição e Rui Salabarda

Apoio Financeiro: OEI - Organização de Estados Ibero-americanos, PNA -Plano Nacional das Artes, Direção Geral Das Artes - República Portuguesa, Município de Elvas, Direção Regional de Cultura do Alentejo

Apoio Logístico: Agrupamento de Escolas nº 3 de Elvas, Junta de freguesia de Vila Boim

Assista o vídeo:



## A ESCOLA

A escola em Vila Boim (local onde se desenvolveu a experiência) faz parte do Agrupamento de escolas nº 3 de Elvas. A escola caracteriza-se por se encontrar num território rural e ter uma oferta formativa para cerca de 500 estudantes entre os 10 aos 14 anos de idade. A população estudantil não possui hábitos de fruição cultural nem de produção cultural, situação que a escola se propôs transformar. Em 2019 a escola aderiu ao Plano Nacional das Artes (PNA), uma iniciativa governamental dos ministérios da Educação e da Cultura lançada em junho desse ano. O programa indisciplinar a Escola, contido no eixo C-Educação, do PNA, solicitava a escola a designar uma equipa de trabalho para elaborar um Projeto Cultural à escola e formar uma Comissão Consultiva.

As recomendações do PNA determinam que o Projeto Cultural deve partir de problematizações locais (ou do desejo em responder a questões coletivas), em como a arte e o património podem colaborar à transformação das dinâmicas sociais na escola, no sentido de transformar a situação problematizada. A Comissão Consultiva deve ser constituída por parceiros internos (estudantes, pais, professores, pessoal não docente e outros) e por parceiros externos (associações culturais, autarquia, museus e outros parceiros culturais, ou empresariais do território). O objetivo da Comissão é o de acompanhar o Projeto Cultural nas suas três fases, elaboração, execução e avaliação, sendo um catalisador para criar uma rede eficaz e sustentável para o projeto. A escola designa um coordenador de projeto, neste caso: Paulo Rodrigues, professor da disciplina de Português, como conector entre a escola e a equipa do PNA.

Durante o ano de 2019/20 o Projeto Cultural de Escola proposto com o nome “O outro que era eu” não pôde ser implementado na íntegra devido à pandemia Covid-19. Em setembro de 2020, o Projeto Cultural de Escola com o nome “Se a pele é fronteira o corpo é Território” retomou o mesmo problema e delineou propostas que puderam ser executadas, com contratempos pandémicos que não desvirtuaram um percurso sólido. O projeto manteve a estrutura do ano antecedente: uma proposta de trabalho desenvolvida com a Associação UMCOLETIVO para produção e curadoria de programação cultural, que trouxe à escola artistas de diferentes áreas com propostas de fruição. Este segundo Projeto Cultural foi cofinanciado pelo PNA e pela OEI.

Segundo Maria João Bravo, coordenadora do PNA que acompanhou este PCE e participou da comissão em alguns encontros, a escola é frequentada por estudantes de meio rural com poucos hábitos de fruição e de produção cultural. A experiência envolveu um total de 361 estudantes, aos quais pretendeu-se proporcionar um percurso de produção e de fruição artística, desenvolvendo parcerias com as instituições, artistas e associações culturais locais. O projeto possibilitou a inserção da escola no contexto de educação por meio das artes.

Parafraseando José Pacheco, a escola são as pessoas. Segundo o artista João Nunes, a escola de Vila Boim é curiosa e especial. De um lado, é uma escola que recebe todos os estudantes do 7º ao 9º ano dos habitantes nas freguesias rurais, “que são aldeias muito isoladas que funcionam como bolhas”. Ou seja, para muitos desses estudantes, o fato de irem para Vila Boim representa a primeira vez que saem das aldeias para fazerem algo fora, então a escola funciona quase como um Centro Cultural, que acaba por juntar todas essas freguesias com realidades muito diferentes. Por outro lado, como a escola tem fama em Elvas pela qualidade pedagógica, muitos meninos acabam por escolher esta escola para estudar, mesmo morando em Elvas. Portanto, isso faz com que a escola seja heterogênea ao nível de estudantes, ao nível de classes sociais, como também ao nível de grupos étnicos diferenciados. Por fim, o maior grupo é formado pela elite de Elvas que procura a escola por conta de a escola ser famosa. Além disso, é uma escola com muitos estudantes da comunidade cigana e representantes de outras etnias minoritárias, presentes no concelho. Um dos objetivos prioritários da UC para esta escola, desde o início, sempre foi de diluir-se as diferenças.

Em entrevista, João explica que o objetivo central das ações da UC é uma educação social inclusiva, que efetive o direito constitucional à oferta cultural a territórios do interior, esquecidos pelo isolamento geográfico e social. Esse fato cria desequilíbrios e desigualdades nas populações, que às vezes “até por uma questão de sorte, tem uma vida marcada pelo lugar onde a pessoa nasce, que acaba por influenciar o nível de instrução e repertório cultural, a determinar que oportunidade terá na vida”. O artista revela que isso acaba por contrariar o que está na Constituição Portuguesa, como direito de todos os cidadãos.

Assim como um fato constatado ao final de 2021, narrado e percebido por ambos, Cátia e João: Perceberam que as turmas são separadas por nível de proficiência, o que acaba por retratar os estudantes de modo diferencial. Os estudantes do “nível A” pertencem ao grupo dos “melhores”, com classificações acima da média, é formado pela elite de Elvas. Os do nível B são os brancos, portugueses. O nível C pertence à população pertencente à comunidade cigana e aos imigrantes, são os que não são tão fluentes no idioma, que precisam de aulas de apoio. João conta que a justificativa para essa divisão é dada em relação ao horário para as aulas de apoio. À partida, a divisão é feita pelas notas, meritocraticamente.

*Espera-se que ao final do ano, com as aulas de apoio, estejam todos no mesmo nível. Isso não acontece e os próprios professores desistem de dar as aulas de apoio, pois muitas vezes são racistas e xenófobos, especialmente em relação à comunidade cigana. Isso não teria sido uma motivação para o nosso trabalho, acaba por ser uma reação. (Nunes, 2020)*

A escola foi selecionada por estar em território de pouca oferta cultural, logo percebeu-se a necessidade em ampliar o repertório cultural dos estudantes e assim o projeto foi elencado com os objetivos do Plano Nacional das Artes. Todavia, João relata que a relação com os professores foi muito aquém do esperado. A maior parte dos professores não participou das atividades. Nenhum deles se inscreveu para o curso de formação de professores que foi oferecido. Não foi possível identificar a razão, talvez falta de vontade, falta de iniciativa. Não obstante, notou-se bem que há enorme dificuldade em partilhar atividades na comunidade escolar.

A linha curatorial, concebida pelos artistas da Associação UMCOLETIVO, possibilitou aos estudantes a interação com outros artistas e seus diferentes meios, fato especialmente contributivo ao Projeto Cultural. As atividades multidisciplinares colocaram os estudantes em uma perspectiva que os motivavam a falar de mundos e contextos distantes. As oficinas artísticas implicaram em aproximação e consciência, despertou-se o criativo e o imaginário a partir de contextos reais, em que os estudantes artistas puderam, nas palavras de Nunes “vestir a pele de artista” e criar.

Reflico que o ato de criar é uma ação autoral, artística e social. Em um contexto educativo, tanto professor como estudante, dia a dia começam por desconhecer algo e



nunca terminam de descobrir, por ser território de aprendizagem constante e inconcluso. Um processo que só existe com parcerias, para ser com o coletivo.

*Como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância, se não supero permanentemente a minha. (...) aprender não é um ato findo. Aprender é um exercício constante de renovação. (Freire, 1979, 29p.).*

Um fato que me causou enorme estranhamento, durante meu trabalho de campo na escola foi em relação à poda das árvores de amora. Quando estive na escola em anos anteriores, as amoreiras estavam carregadas de frutas e faziam uma sombra agradável no convívio na área externa da escola. Lembro-me bem que as provei e eram doces. As podas realizadas mataram as árvores, não existirão mais amoras. Eu perguntei aos funcionários e professores da escola, porque tinham feito isso. Disseram-me que fazia enorme sujeira no piso (de concreto). Ora, pensei comigo, que futuro há sem frutas e sombra? Sem alimento e vida? A terra é suja e o piso de concreto e piche é limpo? Se frutas são sujeiras porque pintam tudo de vermelho, o concreto e o piche são limpos porque são cinzas? Não percebi que critérios são usados para matar árvores.



## PARTE II

## ARTISTAS RESIDENTES

João Nunes | Cátia Terrinca (Associação UMCOLETIVO)

Não há meios de transporte para chegar à escola, eu dependia de boleia ou táxi. Há transporte escolar, mas não consegui agilizar. A maior parte das vezes, fiz o trajeto à escola, em boleia com os artistas. Em observação e convívio direto, realizei diversas entrevistas com Cátia e João; na escola, em casa deles e no carro, durante os percursos da casa para a escola e vice-versa. Acompanhados à maior parte das vezes dos cães; Papoila e Marfim, e das crianças; Jacinto e Delfim, um filho com quatro anos e um bebê que acompanhei nos primeiros seis meses de vida. São uma equipa que produz arte em tudo o que faz. Observei e vivi fruição e criatividade, todo o tempo. Algumas entrevistas também foram feitas por email, especialmente ao João que é por quem inicio à escuta:

Segundo João Nunes, o projeto *Representar o invisível* foi criado já a pensar na curadoria de uma exposição no Museu de Arqueologia e Etnografia de Elvas, no contexto do Festival A Salto. A ideia surgiu a partir de um trabalho artístico realizado em 2015; “*Até às Estrelas Ainda é Mundo*”, projeto de Videoarte realizado por João P. Nunes e Cátia Terrinca, estreado em Abril de 2015 no *Festival TuDanzas* em Barcelona, que jogava com fotografias macro e com a ilusão de paisagem que podem criar. Alinhou-se a esse trabalho fotográfico, que já estava a ser realizado com os estudantes do 9º ano na Oficina de Cinema O CORPO QUE VÊ com João Nunes, e os estudantes produziram uma série de fotografias, olhando o corpo uns dos outros, na busca por paisagens imaginárias para fotografarem. Estas paisagens foram depois passadas para três dimensões pelos estudantes do 6º ano. O projeto foi estendido a uma escola em Badajoz (IES Reino Aftasi) por iniciativa do UC, com o apoio da OEI que identificou a escola a partir de uma parceria existente entre a OEI e a Comunidade Autónoma da Estremadura, onde foi replicado. Algumas das obras na exposição foram realizadas lá.

A iniciativa do projeto parte do João e da Cátia, a partir da perceção da necessidade em trabalhar com os estudantes de Elvas a nível de “Formação de público”. Começaram com as turmas do 5º e 6º ano que eram mais uniformes antes de começar

o trabalho do PNA. Começaram a convite da bibliotecária Teresa Guerreiro que ofertou uma hora que ela tinha de trabalho na biblioteca escolar para o desenvolvimento deste projeto, mas foi uma livre iniciativa da Cátia e do João. Depois foram indicados pelo GEPAC (Gabinete de Estratégia, Planeamento e Avaliação Culturais), porque o PNA estava à procura de uma escola piloto para implementar o projeto. Na altura apresentaram o projeto que tinham feito na escola e com base neste encontro foram convidados a iniciar uma parceria com o Plano Nacional das Artes.

Em relação à linha curatorial, privilegiou-se a desmistificação da profissionalização das artes no intuito de fornecer uma oferta cultural diversificada aos estudantes, através da programação de artistas internacionais e com linguagens diferenciadas e contemporâneas. Buscou-se fomentar a expressão individual do estudante através da prática artística em contextos de oficinas.

João avalia muito bem o projeto realizado em Vila Boim, que aliás continua ainda ativo em 2022. O artista confirma que os resultados cumpriram com os objetivos propostos, uma vez que conseguiram que o projeto articulasse as três vertentes interessadas:

*“1. Desenvolvimento de novos públicos, através da programação de artistas emergentes e com linguagens originais e pouco convencionais; 2. Desenvolvimento de novos criadores, através dos projetos associados aos ateliês que culminaram com projetos que foram materializados nas áreas da fotografia, teatro e construção de livros; 3. A difusão do projeto a nível regional e nacional, através da exposição Representar o Invisível no MAEE.”*

Nunes afirma que após o trabalho realizado em 2021, os estudantes mostraram uma melhor compreensão à leitura dos objetos artísticos apresentados, bem como uma maior vontade em assistir às propostas apresentadas posteriormente. No entanto, considera que “ainda é cedo para perceber se este trabalho tem influência nas componentes letivas da escola”.

Em relação à dinâmica interna da escola, recursos oferecidos e melhorias que poderiam favorecer o projeto, o artista demonstra enorme facilidade de adaptação ao que é oferecido. No entanto, as regras rígidas, surgidas por conta da pandemia, não

foram positivas ao trabalho criativo e transdisciplinar. Todavia, espera-se regressar aos moldes anteriores e voltar, por exemplo, à orientação de grupos de teatro na escola, que aconteciam uma vez por semana à tarde, fora da sala de aula e dos horários normais, com estudantes de várias turmas em 2019/20, antes da pandemia COVID19. Nunes considera ainda, que não houveram dificuldades maiores, pois sempre adaptaram-se às condições que receberam, tanto pela escola como pelo PNA, no entanto, adverte que a limitação orçamental foi fundamental para o projeto não ter crescido como poderia ter crescido. Arguido sobre como nasce o projeto e a partilha, responde:

*“Se e Pele é fronteira, o corpo é território” nasce como uma vontade de aproveitarmos os ateliês de fotografia para desenvolver algum trabalho de investigação sobre um tema que nos andava a inquietar. Vimos o PNA como forma de nos cultivarmos também a nós, e este projeto foi muito isso. Depois percebemos que faria todo o sentido dentro do projeto, ser apresentado publicamente. (Nunes, 2020)*

Com Cátia, realizei uma entrevista em casa dela com 1h e 30 minutos. E, segui a perguntar quase todos os dias, virtualmente, para a preparação deste documento. Para Cátia Terrinca, trata-se de um projeto de Formação artística organizado a partir de duas vertentes fundamentais. Uma delas é corrigir a assimetria no acesso a projetos artísticos contemporâneos e, portanto, essa é a parte de curadoria através da qual pretendeu-se chegar a todos os estudantes da escola. Cada Oficina Cultural é um projeto, por exemplo, há projetos de concertos de música do mundo a partilhar música de outras culturas; projetos de improvisação através do teatro, da performance e da dança, com artistas diversos. Há também rodas de conversas com os profissionais das artes do espetáculo e dos filmes, com debates temáticos sobre o que é a *iberoфонia*:

*O que é o espaço iberófono e como é que se pode pensar enquanto uma geografia sociocultural que vai para lá além daquilo que são os limites do território? E como é que isso também compreende questões que nos levam a refletir sobre Anticolonialismo, por exemplo? Como queremos combater o Colonialismo do tempo presente. E até que ponto é que é ou não uma herança pesada da falta de reflexão sobre o Colonialismo anterior... (Terrinca, 2022)*

Segundo Terrinca (2022), esse sempre foi um dos objetivos da linha curatorial do projeto. Percebeu-se uma dificuldade em alcançar todos os estudantes, por conta da

impossibilidade em juntar grupos etários diferentes às discussões étnicas, como também em juntar a própria comunidade, escolar e familiar, para a realização das atividades. Em parte, as dificuldades estão relacionadas à pandemia COVID19 mas não se sabe se teria sido diferente este acesso sem tal contexto. De todo modo, foi lamentado pela artista, o fato de não poder misturar as pessoas e as idades.

Para Cátia, trabalhar a formação de novos públicos através da criação de objetos artísticos, nos quais tiveram de envolver-se diretamente, representam bem o papel da Associação UMCOLETIVO. Foi em paralelo com o João, em cooperação com ele, que apresentaram a representação do invisível.

*A partir de uma oficina de fotografia, percebeu-se marcas no corpo, na qual nós refletimos sobre até que ponto é que o corpo pode ou não ser uma paisagem. O que é o valor da imperfeição do corpo? Que é que nos torna característicos, se é aquilo que a sociedade determina, ou a ideia do que é bonito são outras e mais coisas. Eu penso que foi muito importante poder falar com adolescentes. Isso é que é. Constatarmos alguns dos outros pudores que sobretudo as raparigas, tinham a fotografar o seu próprio corpo e pensar sobre ele. (Terrinca, 2022)*

*Representar o invisível*, nas palavras da Cátia, traduz de prima o pensamento do que é o corpo enquanto paisagem e em outro momento o sonho da paisagem que poderia ser. Os estudantes interagem dentro da oficina com desmembramentos: o segundo grupo da oficina, com outros estudantes de outra turma eram convocados a interagir a partir das fotografias que o primeiro grupo fez. Ou seja, os estudantes que acharam que eram fotografias feitas do espaço para a Lua, escreveram de outros planetas. Ou do planeta Terra tiradas do céu. Portanto, eles mudaram a mesma escala do projeto completamente. E a partir dessa reflexão sobre as fotografias, eles foram convocados. Em outro momento, em trabalho de campo, foram recolher matéria orgânica da escola. Recolheram terra, folhas, barro e palhinhas. Levou-se a chuva, que que não havia à volta da escola, para terem acesso a uma gama de cores e texturas diferentes. E depois, em lamelas de vidro, em pequenos recipientes, eles reconstruíram essas fotografias, formando pequenas micro paisagens.

Após reunir essas paisagens, pensou-se a nível curatorial, como expor, partilhar e configurar um espaço comum de entendimento e de visitação das pessoas deste lugar,

em particular de Elvas e de Badajoz, porque foi um projeto feito entre as duas escolas. Portanto, decidiram organizar uma exposição no Museu de Arqueologia e Etnografia.

Terrinca responde que tudo foi planejado, embora algumas coisas tenham sido planejadas de forma diferente. E resolve-se um novo plano a partir do primeiro. A artista revela que o grande facilitador às mudanças necessárias na escola, foi a presença de um professor coordenador do Projeto Cultural de Escola (PNA), com uma capacidade de planejamento a médio longo prazo, muito superior àquela do professor coordenador este ano.

*Naquele ano, o professor coordenador era o Paulo Forreta, com uma capacidade de organização e de mobilização da escola bastante superior à capacidade que o curso tem este ano. Então, isso permitiu que conseguíssemos logo no início do ano, ver todas as oficinas em continuidade até ao final do ano letivo. Tal fato permitiu ter um trabalho muito mais sustentado, do ponto de vista do que são as atividades intercalares, não só a oficina do dia principal.*

Verificou-se nas entrevistas, uma relevância extrema à importância das competências do coordenador PCE na comissão do PNA à mediação com os artistas residentes na escola. A figura deste coordenador define os rumos do projeto em relação ao tempo e à produtividade. Se o coordenador levanta o projeto para a frente, envolve os estudantes e os professores e organiza a própria escola. Assim, planeia-se com parcerias e estratégias. O operacional funciona melhor quando se tem uma boa gestão, contudo nem sempre há. Naquele ano, houve uma excelente coordenação e desenhava-se um período todo de atividades com facilidade, como relata Cátia:

*Ficávamos logo a saber o que é que íamos fazer com as turmas e com que carga horária trabalharíamos. Houve muito menos imprevistos a nível de turma. Eu não sei o que está a haver este ano ... está a ser muito difícil.*

Todavia, os resultados são intrínsecos aos objetivos e, como já referido, um dos objetivos era corrigir a assimetria no acesso à cultura por parte de estudantes pertencentes à população do interior do país. Cátia avalia que esse objetivo foi amplamente cumprido. Porque eles conseguiram, de fato, que todos os estudantes entrassem em contato com, no mínimo; um filme, um concerto, uma improvisação e uma conversa.

*Todos os estudantes daquela escola, a menos que tenham faltado nesse dia. Em todas as classes. Todas e todos tiveram pelo menos contacto com quatro objetos artísticos da curadoria.*

Assim como propõe Freire em relação a inconclusão, uma vez que nada pode estar findo, Cátia considera que as atividades não se podem dar por concluídas, já que representam uma etapa:

*Para mim, uma das coisas que eu tenho estado a perceber é que estes projetos funcionam com um fluxo que me parece que, no mínimo, teriam que ser de três anos. Quem determina são os estudantes.*

Os professores são resistentes, mas a artista acredita que isso pode mudar. Antes não havia interesse específico, abriu-se um projeto de formação para os professores, mas nenhum se inscreveu. Mas hoje, se houvesse formação talvez alguns professores se inscrevessem, porque já conhecem e percebem que faz muito bem aos estudantes. A artista manifesta um desejo à escola:

*(...) eu gostava que nós chegássemos em um ponto em que nós não somos necessários na escola, porque os próprios professores já sabem ir à procura dos recursos para mediar a relação entre os artistas. Terrinca, 2022)*

Indagada sobre as parcerias com os professores, a artista relata que em 2021, buscou-se fazer uma parceria com os professores de História. A primeira surpresa foi que os professores desconheciam o Ato Colonial. Assim (de improviso) entrou à escola, o livro *“Caderno de Memórias Coloniais”* (Isabela Figueiredo, 2015) em leitura e diálogo às próximas ações de Cátia. O livro relata a história de uma menina a caminho da adolescência, que viveu essa fase da vida no período tumultuoso do final do Império Colonial português. A história acontece na cidade de Lourenço Marques, hoje Maputo. Surgiram discussões sobre o colonialismo, sobre questões raciais, preconceitos, tabus, sexo, história e discriminações. Como a UC já estava a ensaiar um espetáculo de teatro sobre o tema, criou-se a proposta em conceber a folha de sala deste espetáculo: *“Quarto Império”*, com o professor de História e com os estudantes. Não estava planeado, tudo foi a partir do imprevisto.

*Eu acho que há coisas que imaginamos que vão acontecer de uma forma e quando chegamos ao terreno são de puxar o tapete... percebemos que o nível de expectativa que nós temos é relativamente elevado em relação aquilo que é a prática pedagógica da maior parte*

*das professoras na escola. Então, muitas vezes, temos que voltar a estruturar e replanear a atividade, para conseguir fazer algo mais próximo daquilo que planeamos, a partir da realidade escolar em causa. Percebemos que de facto a escola é um lugar fechado sobre si. (Terrinca, UC, 2022)*

A artista considera que esse é um dos principais objetivos do PNA, “que a escola se abra para a comunidade e que permita à comunidade, entrar dentro da escola”. Tal como deveria permitir “sair da escola e ir para a comunidade”, sendo que para este alcance, Terrinca pensa que ainda há muito por fazer.

*Porque, enquanto os professores acharem que quem vem de fora vem para poupar o seu trabalho de terem que dar aula, esse trabalho nunca será cumprido, pois assim eles não estão em diálogo com o que estamos a fazer, eles estão em desistência. Estão tão cansados, que aproveitam para descansar, beber água e fazer outras coisas, às vezes o professor nem está lá. Não houve continuidade do trabalho, infelizmente. Eu tentei no 7º ano, mas foi me dito que os estudantes eram muito bons e já tinham imensos projetos... não precisavam....*

Participar é continuar e partilhar. Continuar é tão importante. Para uns e para outros; para estudantes, professores ou artistas, continuar é essencial. Continuar é o escape para não cristalizar e reproduzir. Continuar é manter a criatividade liberta.

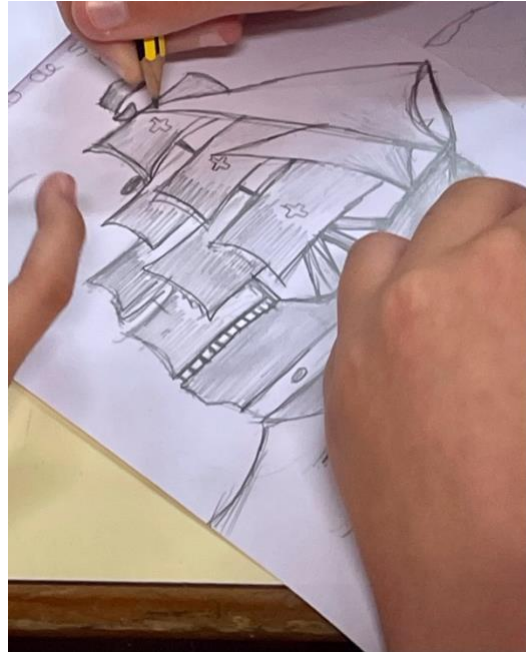
Durante o trajeto pelo território, um outro conflito surgiu. Cátia descobriu um estudante do 7º ano que não sabia ler nem escrever. Encontrava-se em situação de analfabetismo, aos 15 anos, e nem sequer os professores comunicaram o fato para ela. A oficina em questão discutia, “Que muralhas construímos ou destruímos para chegar aos outros?”, era projeto de criação de um livro. De repente, Cátia percebeu que um estudante não estava habituado a folhear páginas de um livro. Então, uma estudante contou-lhe que ele não sabia ler. Às vezes, as professoras colaboram e às vezes atrapalham, nesse caso era muito importante que a artista tivesse sido comunicada, relata Terrinca, com tristeza.

Volto a lembrar: Sempre é uma tarefa de grupo.



## ESTUDANTES ARTISTAS

*Todos os povos têm cultura, porque trabalham, porque transformam o mundo e, ao transformá-lo, se transformam. A dança do Povo é cultura. A música do Povo é cultura, como cultura é também a forma como o povo cultiva a terra. Cultura é também a maneira que o povo tem de andar, de sorrir, de falar, de cantar, enquanto trabalha... Cultura é o instrumento que o povo usa para produzir é a forma como o povo entende e expressa o seu mundo e como o povo se compreende nas relações com o seu mundo (Freire, 2009, 76p.)*



Cultura e escola não se separam. Corpo e infância não se separam. Corpo e arte não se separam. Nas ações artísticas educativas mediadas por Cátia e João, os corpos sempre estiveram presentes em um lugar de percepção e movimento. Perceber o corpo-estudante como natureza e cultura interconectadas, compõe estratégia educativa que concebe crianças e jovens com suas potências e não com controle. Cátia e João não só permitem como propõem que os estudantes participem da construção do mundo (...) como “produtores de cultura”, a entender a “dimensão corporal”<sup>1</sup> (bem como a dimensão histórica e a dimensão criativa) como fundamentos culturais.

Os estudantes do Agrupamento 3 de Vila Boim tiveram a oportunidade de participar, desfrutar e conceber projetos (inéditos e autorais) em distintas experiências. Em todas as experiências, os artistas respeitaram o lugar do corpo, da mente criativa e da história, do praticar socialmente a partir do que se vê à volta. O lugar do corpo-estudante na escola como lugar que respeita a autonomia e o entorno, para discutir a diversidade cultural e abrir um caminho individual a partir do caminhar coletivo. Foi disso que tratou e que percebo que aconteceu e segue a acontecer no Agrupamento 3 de Vila Boim. Natureza e cultura interconectadas pelo caminho da arte.

Observei e escutei 38 estudantes, durante as Oficinas Culturais, no recreio e em uma Oficina mediada por mim. Algumas respostas são unânimes; todas e todos adoram as atividades artísticas, querem mais tempo para as Oficinas e reclamam que as outras aulas são muito cansativas. Consideram que as atividades de artes representam o momento preferido do dia. Alguns preferem ver do que fazer, outras preferem o contrário. Alguns preferem artes cênicas, outras preferem o cinema e há quem prefira desenhar. Entrevistei um estudante enquanto ele estava a costurar, com agulha e linha, a capa do livro que estava a conceber com seu colega. Ele disse-me: Sei coser, minha mãe ensinou-me – com um grande sorriso nos lábios. Cada um, um artista. Todos e todas desejavam que a arte estivesse presente nas outras disciplinas da escola. Todos gostavam que os professores participassem.

---

<sup>1</sup> Simão, Márcia (2010), *Corpo e Infância: Natureza e cultura em confronto*, 165-166p.



A arte possibilitou escolhas diversas. Esse foi um relevante e valioso contributo social da UC na escola, possibilitar que as crianças e os adolescentes possam escolher, ter autonomia para pensar, criar e produzir cultura. Cada um é um artista porque assumiu sua própria criatividade, porque se viu como ser social, porque concebeu um projeto “seu”. Isso foi possível, especialmente pelas escolhas curatoriais de Cátia e João, tanto para a escolha dos artistas como das oficinas. Essencialmente, porque cada um, olhou, escutou, acolheu e permitiu experiências artísticas *com* cada estudante e respeitou *cada um* como um artista. Com todas as singularidades e respeitos plurais.



## CONSIDERAÇÕES

Os projetos realizados pela Associação UMCOLETIVO com os estudantes na Escola de Vila Boim, remete-nos à urgência de ações que culminem em transformações sociais, que viabilizem a equidade de oportunidades e a qualidade na educação. Refiro-me não só ao projeto investigado, como também ao projeto atual “O que na comunidade é incomum”, que decorreu entre fevereiro e maio de 2022. Não obstante, o mérito não é dos projetos e sim dos artistas Cátia Terrinca e João Nunes, que com suas competências geriram bem o trabalho, sob qualquer circunstância, dos alunos que participaram, de toda a comunidade educativa que se envolveu, acreditou e construiu este projeto artístico e educativo.

A criatividade é uma solução, por meio da qual é possível transformar a sociedade. *Cada um é um artista*, defende que a criatividade não é um privilégio dos artistas, e sim uma competência inerente do ser humano. A autonomia e criatividade estiveram presentes em todas as ações de Cátia Terrinca e João Nunes, que possibilitaram a partilha de saberes a partir de experiências a promover transformações sociais. Os resultados foram construídos coletivamente com os estudantes. Sempre foi uma tarefa de grupo. É um dos motivos que me levou à escolha de referenciar Freire e Beuys.

O trabalho é particularmente *freiriano*, sem que ninguém tivesse buscado uma orientação de Paulo Freire para fazê-lo, é educativo, mas não teve pretensão de ser – talvez o seja por isso. Entretanto, o objetivo da UMCOLETIVO sempre foi capacitar o estudante a tornar-se autônomo para escolher, tal qual a proposta *freiriana* em que o educador leva o educando a tomar decisões que envolvem responsabilidades, pois é “decidindo que se aprende a decidir” (Freire, 1996, 106p.). Ao tomar suas próprias decisões, o estudante sabe que é responsável pelo que escolheu e que elas podem ser transformadoras, potentes e multiplicadoras.

Nas palavras de Beuys, UMCOLETIVO está sempre a produzir esculturas sociais, em que a *fala* (que esculpe o pensamento) é o mote da obra. Pois não se trata de ensinar ou aprender arte, mas da arte como estratégia (e manifesto) à liberdade de agir e reconhecer-se numa sociedade plural. A arte em diálogo transdisciplinar com a

Sociologia, Antropologia e Filosofia, visto tratar-se da liberdade de expressão individual. A arte como criatividade à vida social. A arte transdisciplinar com a cultura e o meio em que se produz.

O objeto artístico é uma consequência do processo da “fala”. E esta *fala* da UMCOLETIVO é rara e cara. Assim como a *fala* de cada estudante da Escola de Vila Boim. Sem escuta não há direito de fala. Sem direito de fala, nada se constrói. Sozinho, nada acontece. Repito. Sempre foi uma tarefa de grupo. Sempre é uma tarefa de grupo.

Outro motivo para referenciar Joseph Beuys é porque, assim como ele, o trabalho de Cátia Terrinca e João Nunes tem a premissa de ir muito além do próprio trabalho. A discussão além da obra permite despertar a consciência das pessoas na provocação sócio política em contexto. Todos os artistas que estiveram sob a curadoria da UC debateram após os trabalhos. Assim, Cátia e João estão a formar um público em que cada estudante é um artista em Vila Boim, especialmente porque seus pensamentos e suas falas podem vir a ser as transformações desejadas, em distintos contextos futuros.

Todavia, os artistas da UC não se inspiraram em Beuys, este enlace é uma reflexão minha, porque estudo o artista há mais de uma década. A experiência artística de Beuys compreende a arte em outro território, para que se pense arte para além de pendurar uma obra na parede. A arte é coletiva porque abrange todas as pessoas no fazer através da criatividade. O autor refere-se à arte com um conceito expandido, *a arte social. A arte como um processo desencadeado por um grupo de pessoas. “A arte é socializada” (Beuys, 2010, 2017).*

Acompanho o trabalho da Cátia e do João, junto à Associação UMCOLETIVO, desde 2017; como artista, como plateia, e hoje como amiga - que teve a sorte do encontro desejado. Por um acaso, ou por sorte, ou por competências. Eu acabava de decidir reinventar a minha vida em Portugal, quando fui aprovada em uma candidatura para o Festival A Salto 2017, em Elvas, com o projeto “Vista sua existência”. Assim conheci a Associação UMCOLETIVO, que mais tarde estaria a investigar. Também fui convidada para expor as fotografias do trabalho no ano seguinte. E, novamente em 2019, quando realizei a performance “Em ver lhe ser”, na Torre Fernandina.

No Festival A Salto 2020, por acaso eu era público, quando foi inaugurada a exposição “Representar o Invisível”, no Museu de Arqueologia e Etnografia de Elvas. Vi, senti e cheirei cada um dos trabalhos, havia uma sedução sensorial que dava imensa vontade em tocar nos objetos e na pele fotográfica. Na entrada, deitei ao chão para escrever no papel, percebi o papel como pele do chão, senti que eu era bem recebida naquele chão, percebi que estava viva. Tenho ainda comigo, esta sensação.

A primeira vez que encontrei com a Cátia e o João foi na Praça Martim Moniz, no centro de Lisboa e também tive esta sensação. Eu morava só há dois meses em Portugal. Eles vieram de Elvas para conhecer-me e perguntar-me o que eu precisava para apresentar o meu trabalho no Festival A Salto. João levou-me de carro para a casa e seguimos a conversar, acolheram-me num cuidado amoroso que só conheci no Alentejo, em especial em Elvas e junto a Associação Cultural UMCOLETIVO. Tenho profundo respeito e admiração pela comunidade de Elvas. A minha história aqui, começou com estas pessoas. Aprendo imenso com a Cátia e com o João. Aprendo com as crianças em Vila Boim. Aprendemos juntos. Considero ainda, que esta investigação teve início neste período, de fato sem planear, já que há cinco anos pesquiso e partilho experiências artísticas com a Associação UC. Acompanho o trabalho curatorial, o trabalho educativo de arte social e os espetáculos cênicos e audiovisuais, que Cátia Terrinca e João Nunes realizam. Que honra!

Dá-se quando dás e quando recebes, dá-se enquanto faz e propõe que se faça, dá-se quando és e propõe que sejam. Quem bem são. Que bem sejam!

*A todas as pessoas envolvidas nesta história. Bem hajam!*



## BIBLIOGRAFIA

Beuys, Joseph (2010). *Cada homem um artista*. Tradução e introdução: Júlio do Carmo Gomes, 7 nós, Porto, 7-11, 47, 59-75, 101-137, 183-197p.

Brighenti, Sara e Vale, Paulo (PNA) (2019). *Uma Estratégia, um Manifesto*. Lisboa acessível em [www.pna.gov.pt](http://www.pna.gov.pt)

Borer, Alan (2001). *Joseph Beuys*. Cosac & Naify, São Paulo, 13-20p.

Figueiredo, Isabela (2015). *Caderno de Memórias Coloniais*. Editorial Caminho, Portugal.

Freire, Paulo (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Editora Paz e Terra (Coleção Leitura), São Paulo.

Freire, Paulo (2000). *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola, Editora UNESP, São Paulo.

Organização de Estados Ibero-Americanos – OEI: <https://oei.int/pt/escritorios/portugal>

Veiel, Andres (2017). *Beuys*. Documentário biográfico, versão original com legendas em português, Alemanha. acesso: <https://www.filmin.pt/filme/beuys>